

No quadro da economia que ainda predomina na mídia se destacam as questões macroeconômicas, que dizem respeito à economia como um todo: inflação, crescimento do PIB, déficit público, taxa cambial e de juros, entre outras. Mais recentemente, tem havido crescente interesse pelas análises que tratam a economia de forma desagregada, ou microeconômica, como as setoriais. A razão é que foi afastado, ainda que



Por trás da economia do real há a economia real, que muitos ignoram

não de modo definitivo, o fantasma da inflação, com a qual muita gente ganhava dinheiro ou vivia nessa ilusão. Os empresários voltam-se, agora, mais para as questões microeconômicas do seu dia-a-dia, como mercado, produtividade, preços e custos.

Quando se observa o tom das análises macroeconômicas, não há como negar que ele tenha sido e continue meio deprimente. Os anos 80 ficaram conhecidos como "a década perdida", em face da estagnação do produto interno bruto (PIB) per capita e do tempo que se perdeu nesse período com os programas ditos de estabilização, mas em cuja sequência o processo inflacionário só se agravou. vieram os anos 90, com as medidas de ajuste adotadas no governo Collor, que, de início, prostraram a economia, seguidas por uma recuperação que começou ainda no governo Itamar e culminou com o Plano Real.

Tudo isso, contudo, só permitiu uma recuperação do PIB per capita, que, grosso modo, voltou em 1995 ao mesmo valor de 1980.

A maior parte das análises de economistas que tratam apenas da macroeconomia termina com esse quadro de uma inflação ainda com risco de descontrole e sem perspectiva de um bom crescimento do PIB per capita. Afirma-se que seu avanço continuará dependendo do ajuste do setor público, pois só então haveria

perspectivas de retomada dos investimentos desse setor e de um clima de maior tranquilidade que estimularia os investimentos privados.

Numa análise mecanicista, a chave da coisa está na contenção do déficit fiscal e da dívida, o que permitiria juros menores, incentivando os investimentos, ao mesmo tempo em que essa contenção abria espaço para uma correção cambial sem maiores pressões inflacionárias. Mas, continuam as análises, tudo isso depende do tal problema político que nunca se resolve, ou melhor, há avanços, mas são lentos e ainda vamos ter de esperar muito tempo.

Num debate, alguém afirmou que o acerto da dívida externa levou quase 15 anos e o ajuste do setor público, por ser muito complicado, levará muito mais. Os empresários e quem mais está interessado no assunto, como jovens recém-formados

à procura de emprego, ficam, então, perplexos, porque ficam na posição de quem está esperando Godot, que nunca chega...

Mesmo com esse quadro de baixo-astral na macroeconomia se percebe que muitas empresas ganharam e continuam ganhando dinheiro. O que não foge à lógica. A economia brasileira é muito grande e o enfoque macroeconômico analisa tudo com base no todo ou na média da economia. Alguns estarão acima e outros abaixo dessa média. Mas o que muita gente não percebeu mesmo foi que, ao longo destes 15 anos, embora o PIB per capita de fato permanecesse estagnado, o País adicionou à sua população cerca de 37 milhões de habitantes, com o total subindo de 118,6 milhões para 155,8 milhões.

Ora, mesmo com o PIB per capita mantido, isso significa que houve um crescimento do PIB total de cerca de 30%, sem o que não teríamos chegado ao PIB de hoje, de cerca de R\$ 700 bilhões, ficando no número de 1980, em torno de R\$ 550 bilhões. Para se ter uma idéia do que significa esse avanço, podem-se comparar esses aumentos da população e do PIB total às dimensões correspondentes de um país como a Colômbia, cuja população no ano passado deve ter chegado a esse mesmo número — 37 milhões —, embora o seu PIB per capita seja a metade do brasileiro. Ou seja, é como se, de 1980 a 1995, o Brasil tivesse adicionado uma Colômbia à sua população e duas ao seu PIB total. Já a Argentina está com uma população próxima dos 35 milhões, mas seu PIB per capita é, em números aproximados, duas vezes o do

Brasil. Portanto, pode-se também dizer que, grosso modo, no mesmo período, o Brasil adicionou uma Argentina à sua população e meia ao seu PIB total.

Assim, nos últimos 15 anos o tal bolo do PIB total brasileiro não cresceu em termos per capita, mas pelo menos aumentou de tamanho e numa magnitude gigantesca. Seria um desastre se tivesse encolhido, como aconteceu com vizinhos nossos, como Bolívia e Peru, ou no Leste Europeu e na África, entre outros casos. Esse crescimento significou um enorme mercado para bens de consumo, de alimentos a bens duráveis, passando por vestuário e tudo o mais.

É nesse contexto que se explica o forte crescimento de alguns setores, como o de frangos e o de eletrodomésticos. Para empresários à procura de oportunidades não há quadro de baixo-astral que resista à observação de que, entre 1985 e 1995, o número de shopping centers no País passou de 20 para 120, um crescimento que deve bater o de qualquer tigre asiático.

É para este país imenso, cujo PIB total em 15 anos cresceu mais que duas Colômbias, que deveriam estar também voltados os olhos de quem quer ver o Brasil que está andando, e não apenas o nhenhenhem do ajuste do setor público que se arrasta no blablablá de Brasília. Por trás da economia do real há a economia real, que muitos ignoram.

■ Roberto Macedo é economista formado pela USP, com mestrado e doutorado pela Universidade de Harvard (EUA)